

modo que: “o externato ficará, quanto à residência, sujeito à vigilância da Diretoria da Escola, que poderá exigir a mudança de residência de alunos, por motivo de hygiene ou moralidade”¹; o que nos mostra que mesmo fora da Escola o aluno estava constantemente sob vigilância para não ser acometido pelos males que estavam em voga na sociedade caótica² que se fazia a Primeira República, infestada pela imoralidade e pela necessidade higiênica. Como aluno que depois de formado levaria o nome da instituição pelas diferentes partes do Brasil, deveriam se submeter à formação intelectual, moral, física e higiênica que a Escola oferecia.

A disciplina a que referimos acima nos alojamentos foi uma inovação de Rolfs. No regimento de 21/01/1927 é exposto que “no internato será adoptado o regimen de responsabilidade pessoal dos alumnos (...)”. Esse regime disciplinar dirigido pelos próprios alunos tinha seguinte formação: O alojamento era dividido em seções e cada seção tinha um representante-aluno que se fazia o chefe de seção; e, todos os chefes de seção, acrescido de um professor designado para esta função, formavam um conselho disciplinar. Observa-se que esta formação disciplinar está coerente com o modelo de instituição que se queria formar, pautada em princípios liberais; na qual não seria lógico propor uma disciplina tradicional baseada em castigos e punições físicas – disciplina externa; mas uma nova forma de entender o indivíduo, como sendo o próprio responsável pelos seus atos, sendo sua consciência e suas práticas seu guia, constituindo-se em um processo interno de disciplina em que os próprios pares são os responsáveis pela disciplina dando exemplos a serem seguidos por todos.

Entretanto, não se pode esquecer que havia um conselho disciplinar que regia o alojamento, sendo o aluno o responsável para não infringir o regulamento local para não ser punido por este conselho. Cabe esclarecer que alojamentos já tinham sido alvos de várias tentativas em diversas instituições brasileiras, entretanto, falava-se que somente instituições militares dariam conta de disciplinar os alunos em alojamentos. Entretanto, o Diretor da

¹ Regulamento de 1926. Ver a influência da hygiene e da moralidade da Educação Brasileira com mais detalhe em GONDRA (2000)

² Confira item 1.1.

ESAV lançou a disciplina através da “consciência” do próprio aluno, tendo sucesso nesta empreitada. Leviano seria afirmar que não havia indisciplinas, brincadeiras que desagradavam à diretoria da escola, entretanto, não tenho indícios de um acontecimento grave que tenha colocado em risco a dissolução do projeto de alojar os alunos da instituição.

Juntamente com o alojamento, nasceram várias outras construções. Para o início da ESAV foram erguidas “67 obras realizadas pela comissão de construção e entregues ao patrimônio da Escola a 28 de fevereiro de 1929, desde os majestosos edifícios, até as estradas, terraplenagens, residências para professores e operários, abrigos para máquinas e animais e demais instalações [...] (BORGES, 1968, [s/p].). Dentre estas construções temos como marco fundamental o “prédio principal”, denominado atualmente de “Arthur da Silva Bernardes”, inaugurado em 28 de Agosto de 1926, juntamente com a inauguração da Escola na mesma data.

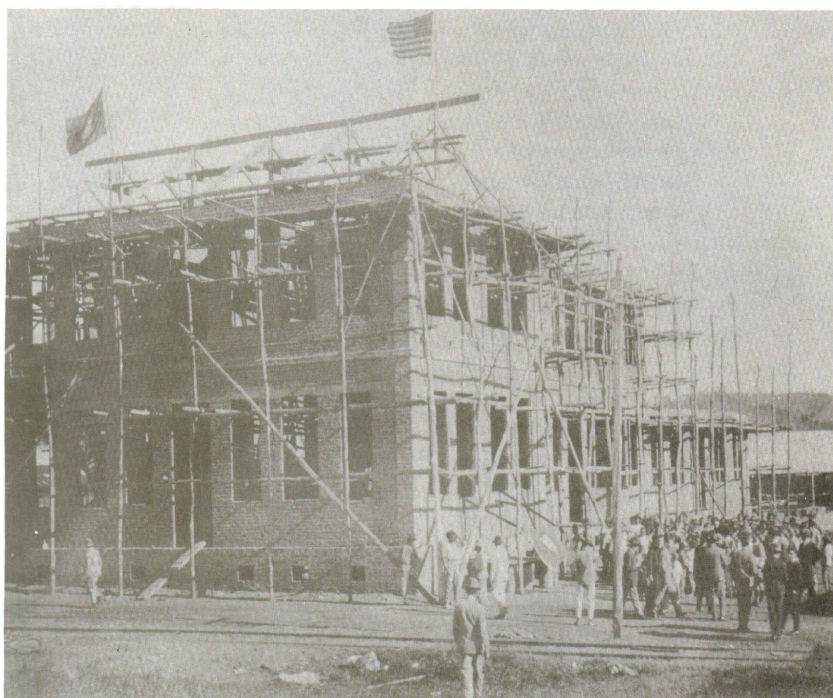


Figura 4: Prédio principal “Arthur da Silva Bernardes” em construção, na década de 1920
Fonte: LIMA et al, 1996, p.33

Os Estados Unidos faziam-se presente mesmo nos momentos da construção. As bandeiras hasteadas no topo do prédio principal, representando Brasil e Estados Unidos, demonstram a parceria entre estes dois países no ensejo de criar uma instituição capaz de elevar o nome de Minas Gerais nacionalmente, pautado num modelo arrojado de educação agrícola e difundir os métodos e técnicas norte-americanas mundialmente – tratava-se de uma ajuda mútua, onde os dois países saíam ganhando³.

Contudo, a influência que a ESAV obteve em âmbito nacional não se deu por acaso. A ESAV nasce portando a idéia de uma Escola agrícola em moldes modernos que proporcionaria a elevação do país através de sua agricultura, por meio do cultivo da imensa quantidade de terras brasileiras, intuito que estava alinhado com os objetivos nacionais e com o desejo da população brasileira que vivenciava aquele momento. Portanto, posso inferir que havia um terreno favorável para que a Escola lançasse suas bases e alcançasse o sucesso esperado, possibilitando uma hegemonia no ensino agrícola que repercutiu por vários anos.

Para se fazer forte e respeitada, para que todos lutassem em prol da ESAV de forma que a instituição crescesse no cenário nacional, a instituição lança mão de um dispositivo que será fundamental para criar um sentimento de pertencimento, uma identidade institucional, incutindo nos esavianos sentimentos que os levassem a contribuir com o progresso da instituição a nível nacional. Nesse momento fazia-se necessário formar a alma do esaviano, fato que criou um terreno fértil para a consolidação e propagação do Espírito Esaviano.

³ Os Estados Unidos eram recompensados, principalmente, pelas vendas de máquinas e produtos agrícolas para as várias instituições que seguissem seus modelos.

CAPÍTULO 2 – ESPÍRITO ESAVIANO: “FORMADOR DE ALMAS”

O Espírito Esaviano⁴ nasce dentro de uma instituição que estava imersa nos ideais que nacionalmente encampavam os discursos educacionais, quais sejam: regeneração da população; difusão dos ideais de modernidade, higiene, urbanização e civilização; e, fortalecimento econômico do país, principalmente formando pessoas relacionadas à área agrícola.

Nesse contexto, a ESAV tem o intuito de ser um ícone da ciência agrária no Brasil, sendo necessário em seu início recursos humanos e físicos que dessem suporte para receber o inovador método de ensino que importaram dos Estados Unidos – o modelo dos Land Grant Colleges. Pensando na excelência do ensino que seria oferecido pela instituição, a Escola foi povoada em seu início por professores de diferentes partes do mundo e do Brasil; além de funcionários e alunos que vieram de diferentes partes do Brasil, inclusive da própria Viçosa.

Essa variedade de pessoas que ocuparam a instituição trouxe consigo valores, atitudes, hábitos e comportamentos, que vão caracterizar uma cultura própria da população esaviana nascente.

[...] Pode-se verificar que a escola, cujos primeiros passos foram ancorados em valores importados, numa transculturação que, apesar de benéfica, não deixa de ser um tipo de invasão cultural, com o correr dos tempos começou a firmar sua identidade [...]. (PANIAGO, 1990, p. 152)

⁴ É importante ressaltar que as pessoas que ocupam a ESAV fazem parte do contexto caótico da primeira República abordado no capítulo I, que na perspectiva de José Veríssimo, são vistas como pessoas degeneradas pelo meio em que nasceram e viveram. Portanto, surge na instituição o Espírito Esaviano como forma de regenerar o aluno, formando sua moral que estava comprometida pelo convívio social, buscando criar uma identidade entre os membros da Escola gerando um sentimento de pertencimento e um Espírito de luta pelo seu sucesso e pelo desenvolvimento agrícola nacional; fatos que estão consonantes com o movimento histórico da época.

A diversidade cultural em que nasce a ESAV vai entrelaçar na pacata cidade viçosense, que naquele momento era constituída por poucos habitantes, influenciando a cultura desta. Não se trata de afirmar a imposição de culturas, mas identificar a presença de diferentes culturas que se imbricavam na constituição da cultura viçosense – cultura ímpar. Aproveitando o conceito de circularidade de cultura proposto por Ginzburg (1998), posso inferir a presença de culturas locais e regionais, nacional e estrangeira, as quais se entrelaçavam constantemente, o que não permite afirmar a existência de uma cultura apenas local ou regional, apenas nacional ou estrangeira, mas uma cultura híbrida, portadora de traços das diferentes culturas.

Essa diversidade cultural – hábitos, valores, comportamentos - em que surge a ESAV, assemelha-se ao clima vivido na Primeira República em que se buscou a criação de uma identidade nacional, compreendendo que seria a única forma de fortalecer a República, consolidando o regime que se instalara em 1889. Da mesma forma, pensando no fortalecimento da instituição que estava nascendo, sentiu-se a necessidade de criar um sentimento de pertencimento à instituição, uma identidade – não nacional, mas local, para que todos pudessem contribuir dando o melhor de si para o progresso da instituição, fazendo-a reconhecida nacionalmente e internacionalmente.

É nesse contexto que vai nascendo o Espírito Esaviano, como forma de homogeneizar os discursos entre alunos, professores e funcionários de modo que todos lutassem em prol do mesmo objetivo – era necessário “formar a alma” do esaviano. Desta forma, o Espírito Esaviano vai se fazer o elemento central para atingir os objetivos⁵ da ESAV, quais sejam: 1) formar trabalhadores e dirigentes para a agricultura; 2) formar missionários que propagarão seus conhecimentos e seu nome; 3) promover a formação moral, intelectual e física; 4) colaborar com o desenvolvimento econômico do Estado.

⁵ Tais objetivos foram construídos com base nas fontes encontradas e serão trabalhados ao longo desse capítulo, não de forma pontual, mas diluído.

Nesse lar forja-se uma mentalidade própria – o ‘Espírito Esaviano’ – árvore frondosa que evolui contínua e silenciosamente, para felicidade nossa, da agricultura e da Pátria (REVISTA SEIVA, nº 06, 1940, p.03).

Espírito pode ser compreendido como a própria alma do ser humano, a parte imaterial, a face sensível, o pensamento⁶. Está relacionado a um...

Estado de espírito – de alguém, de algum grupo, comunidade, povo... Quando digo ‘alma’ de um povo, estou me referindo a uma atmosfera, um ar que se respira, um sentimento, um comportamento, de um tempo e de um lugar, coisas que juntas (e sempre juntas!) vão possibilitar acontecimentos, fatos, como também podem explicar suas ausências (MORENO, 2001)

Nesse sentido, podemos entender por Espírito Esaviano a própria ‘alma’ de quem habitava a ESAV, cultivado por todos, caracterizando-se como uma atmosfera de princípios que se difundia pela instituição como forma de criar um ar de pertencimento ao lugar, despertando sentimentos e comportamentos que eram compatíveis com o que se esperava na ESAV: “Engajamento. Esta é uma palavra que representa muito bem o que significa o Espírito Esaviano. Os valores da ESAV tornavam-se hegemônicos, pois seus próprios alunos se transformavam em seus porta-vozes” (LIMA et al, 1996, p.49):

Definição: a exata, seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito Esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV (JORNAL O BONDE, n. 82, 1948, p. 02.)⁷

Os esavianos buscavam uma definição para o que seria Espírito Esaviano, mas não conseguiam uma demarcação precisa de seu significado, sendo possível contorná-la, cercá-la, circundá-la. Sabe-se que simplório seria definir Espírito Esaviano apenas como *vontade e obrigação pessoal*.

Tais valores fazem parte de um conjunto mais amplo de valores que caracteriza esse ar de pertencimento, de engajamento que faziam da Escola um segundo lar. No Jornal O

⁶ Definição do dicionário Aurélio Séc. XXI, Ed. Nova Fronteira. (CD-ROM, versão 3.0)

⁷ Definição de Giacometti, aluno, no Jornal O Bonde, n. 82, p. 02, 1948.

Bonde (nº 45, 1947), encontra-se que “A sua origem, sem dúvida nenhuma, vem do espírito americano. Trabalhar em conjunto, cooperação e camaradagem, confiança recíproca e justiça, são os característicos deste êmbolo da vida esaviana [...]”.

Portanto, observa-se que o Espírito Esaviano mantém vestígios do espírito norte-americano, tais como cooperação, confiança e justiça, os quais são alguns dos valores que compõem esse espírito. Quando me refiro a esse espírito norte-americano, baseio-me no sentimento nacionalista que aflorou após a independência das treze colônias norte-americanas. Com a independência, observaram que criar uma identidade nacional seria fundamental para constituir-se uma nação. Nesse movimento, temos o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, que em 1823 apresentava no congresso a mensagem anual, que ficou conhecida como “Doutrina Monroe”, na qual assinala a importância de desenvolvimento dos Estados Unidos, protegendo-se das nações européias, criando o célebre slogan “América para os americanos” (NEVINS E COMMANGER, 1986).

Nesse sentido, Buonicore (2002) vai compreender que o slogan mais apropriado seria “América para os norte-americanos”, pois os Estados Unidos vão buscar-se impor aos demais países americanos, ditando padrões de civilidade e modernidade do capitalismo emergente. Com esse espírito nacionalista, de defesa dos interesses do país, aliado às várias guerras vencidas pelo país no momento, temos uma atmosfera propícia para o surgimento e difusão de valores como cooperação, justiça, solidariedade, força física, entre outros que serão cultivados e constituirão o espírito norte-americano.

Em parte esse espírito foi trazido pelo professor Peter Henry Rolfs, pelos docentes estrangeiros que dirigiam os anos iniciais das atividades acadêmicas da instituição e pelos professores que buscavam seus treinamentos no exterior. Portanto, o Espírito Esaviano vai se consolidando e propagando pela necessidade de criação de um sentimento de identidade no

sentido de fortalecer os laços das pessoas engajadas no processo de desenvolvimento e progresso da instituição.

Se todos se unissem na disseminação do conhecimento produzido e apropriado pela ESAV, como verdadeiros porta-vozes da sua doutrina, os dirigentes da instituição acreditavam que nasceria uma nação agrícola sólida no país a ponto de promover um desenvolvimento econômico como nunca visto anteriormente, sendo possível elevar o país ao nível das grandes potências mundiais.

O fortalecimento dos laços está diretamente ligado ao sentimento de família. Os esavianos – professores, funcionários e alunos – tinham a Escola como uma mãe, para a qual deveriam envidar todos os esforços com intuito de engrandecê-la, agradá-la e divulgá-la para as diversas partes do Brasil. Essa idéia de família vai constituir um dos traços importantes do Espírito Esaviano, uma vez que contribui para formar sentimentos úteis ao progresso, tais como cooperação, respeito, solidariedade, honestidade, entre outros; os quais foram essenciais para a formação da “alma esaviana”.

Quando, ainda, não pertencia a esta comunidade e apenas por informações conhecia a ESAV, já ouvira falar do Espírito Esaviano. Soubera que, aqui, o ‘um por todos e todos por um’ era um fato; que a cooperação era o esteio que mantinha de pé o bom nome e o conceito desta Escola. (JORNAL O BONDE, n.º82, 1948, p.02)

Observem que o sentimento que encampa o discurso sobre Espírito Esaviano está pautado em tudo que converge para criar um clima de harmonia, doação. Portanto, o ‘um por todos e todos por um’ fazia-se um lema importante entre os esavianos, pois contribuiria para a consolidação do estabelecimento. Esta propagação da ESAV não ficava geograficamente limitada à Viçosa ou Minas Gerais, mas alcançava as diversas partes do Brasil e algumas do exterior, e juntamente com sua propagação, temos a disseminação do Espírito Esaviano que era compreendido como o ponto principal do sucesso da instituição. Seu nome era veiculado como uma das mais importantes instituições agrícolas do país, o que criou um ambiente em

que o ingresso na ESAV passava a ser um sonho de muitos brasileiros, pois a mesma se fazia uma instituição respeitada e almejada:

ESAV foi meu sonho de garoto, sonho que se concretizou afinal. Criado no campo, tendo-lhe grande apêgo, dedico-lhe sincera amizade. Este sentimento que surgiu leve, imperceptível, teve como consequência, o meu sonho de garoto. ESAV foi para mim velha namorada almejada, quase sempre distante e, enfim, depois de tantos obstáculos vencidos, conseguida [...]. (JORNAL O BONDE, n.º. 77, 1948, p.02).

Instituição de caráter agrário, recebia uma atenção especial dos agricultores. Respeitada, muitos agricultores enviavam seus filhos para receberem a “excelente formação” que tal instituição oferecia. Pensar na formação dispensada pela ESAV é falar na formação teórico-prática em relação às disciplinas relacionadas a área específica, aliada à formação física, moral, cívica e disciplinar. Acreditava-se que somente oferecendo uma formação mais abrangente, que não se limitasse à esfera intelectual, seria possível lançar pessoas capazes de atuarem nas diversas regiões contribuindo de forma eficiente na propagação da agricultura do país:

A ESAV é uma oficina de homens. Todos eles, ao iniciarem aqui seus estudos, são crianças grandes que trazem de suas cidades o colorido da vida ginasiana, ou de suas fazendas, os segredos da rotina e da ignorância. Uma vez aqui, o trabalho na fabricação deste produto escasso, que é o engenheiro agrônomo, o técnico agrícola e o administrador rural, começa intenso e orientado. Professores, veteranos e funcionários são todos mobilizados para a fusão desta matéria prima tão complexa, tão cheia de impureza. Uma vez obtido o guza humano é este submetido a ação de alta temperatura e certos agentes para atingir sua fase final, passando em laminadores de onde é lançado, ainda cintilando, aos 8.500,000 Km² de terras brasileiras: terras planas, montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios. O produto tem alta cotação no mercado, o seu rótulo ‘Made in ESAV’ é a senha para todas as portas. (JORNAL O BONDE, n.º 45, 1947)

A ESAV era formadora de homens. Não qualquer tipo de homens. Homens capacitados para atuarem, serem aceitos e respeitados em qualquer lugar do Brasil; privilegiados, logicamente, pela formação que da Escola receberam. O “made in ESAV” nos mostra que o aluno esaviano entra na instituição para ser fabricado, sendo inicialmente uma

matéria-prima, cheia de impureza que será trabalhado pela instituição até chegar à fase final que seria o aluno pronto para ser colocado no mercado, o qual estaria apto a difundir a doutrina agrícola esaviana pelas grandes extensões de terras brasileiras.

Nesse processo de formação do produto esaviano, a instituição pautava-se numa formação abrangente – pautada num ensino teórico prático, considerando as dimensões morais, cívicas, intelectuais e físicas; a qual seria responsável pela regeneração do ser humano imperfeito que entrava na instituição, para, depois de regenerado das mazelas sociais que o atingiram desde o nascimento⁸, pudesse ser um profissional competente não apenas na área técnica da agricultura, mas também na arte de viver a vida como um cidadão formado dentro dos preceitos de moral, civilidade e responsabilidade que o Espírito Esaviano poderia constituir. Nesse sentido, o professor Rangel afirma nas páginas do livro “ESAV 1939”, que:

o esaviano não pode ser apenas um profissional competente. Deve ser, ao mesmo tempo, um homem digno e um cidadão cômico dos seus deveres. Ao deixar a ESAV leva consigo o elevado ideal trabalhador não só para si, mas, principalmente, pela sua coletividade, enobrecendo assim ainda mais a nobre profissão que abraçou. (ESAV, 1939, [s/p])

Essa formação diferenciada oferecida pela ESAV, permitindo ao profissional esaviano ser aceito em “terras planas, montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios” não poderia ser possível se não fosse oferecida por um conceituado modelo educacional. Para isto, foi trazido para o Brasil o professor norte-americano - Peter Henry Rolfs – para implantar o modelo agrícola consagrado nos Estados Unidos. Com o professor Rolfs e com o modelo educacional norte-americano veio toda uma concepção de educação e de homem:

(...) quem é Dr. Rolfs? Responderei, então: - perguntem as nossas construções, aos nossos campos, às nossas árvores, e, tenho certeza, tudo isto que constitui a nossa ‘alma mater’, lhes responderá na sua nudez estática e sublime, falando a linguagem simples da gratidão. O Dr. Peter Henry Rolfs,

⁸ Confira item 1.1, onde se encontra a definição do caráter do brasileiro emitido por José Veríssimo.

foi mais do que nosso chefe dedicado, mais do que nosso orientador, mais do que nosso técnico, mais do que aquele que nos adaptou aos moldes das Universidades Americanas, mais do que nosso amigo, foi o nosso pai. (REVISTA SEIVA, nº 10, 1942, p.23)

O professor Rolfs foi uma figura essencial para a propagação da instituição. Sua postura moral, cívica e intelectual frente aos alunos e funcionários lhe garantiu respeitabilidade frente aos esavianos, fazendo-se um ícone em quem deveriam se espelhar para que um dia brilhassem como ele. Nesse sentido, com seu modo de agir, falar, vestir, transmitia aos esavianos uma maneira de comportar-se, contribuindo assim com a formação dos alunos segundo os valores, atitudes e comportamentos necessários à Escola na época. Com toda esta identidade criada entre alunos, funcionários e até professores para com Peter Rolfs, podemos inferir que todos tinham a figura do Rolfs como um símbolo, como um herói que adaptou a Escola de Viçosa e seus integrantes aos moldes norte-americanos:

“[...] Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico (...) Como a criação de símbolo não é arbitrária, não se faz no vazio social, é aí também que se colocam as maiores dificuldades na construção do panteão cívico. Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado” (CARVALHO, 1998, p.55).

Rolfs não se fez uma pessoa respeitada e amada pelos alunos por acaso. Portava a idéia de uma Escola agrícola em moldes modernos que proporcionaria a elevação do país através de sua agricultura, por meio do cultivo da imensa quantidade de terras brasileiras. O momento fazia-se propício para o lançamento da modernidade proposta por Rolfs, uma vez que se tratava do período áureo da modernização da agricultura⁹. Portanto, atingiu o coração e a mente dos esavianos fazendo-os enraizar suas idéias e aspirações como uma identidade

⁹ Confira item 1.2, quando Carneiro Leão define o tipo de educação necessária ao progresso do país.

coletiva, que se constituía no ar de pertencimento que transitava pelos lugares esavianos, almejando sempre o progresso da ESAV, de modo a consolidar a profissão.

Para atingir o coração e a mente dos esavianos, a Escola pautava-se em diferentes práticas como forma de materializar e difundir o Espírito Esaviano. Uma delas trata-se da própria postura de professores e diretores que ocupavam aquele espaço. Havia uma cobrança constante com “educar pelo exemplo”, onde as pessoas deveriam ter uma disciplina e uma moral digna da alma esaviana de modo que a postura dos professores contribuisse para criar nos alunos e funcionários uma consciência que os fizessem sentir como responsáveis pela instituição.

As reuniões gerais também se constituíam em práticas efetivas de propagação do Espírito Esaviano. Tais reuniões foram estabelecidas no regimento da Escola de 1927 e instituía uma reunião geral por semana, de curta duração, envolvendo todos os alunos da Escola, a fim de que fossem ministradas instruções de ordem moral, cívica e higiênica. Entretanto, no transcorrer do ano de 1927, o regulamento¹⁰ não foi fielmente seguido, sendo encontradas divergências quanto ao número de reuniões gerais semanais, o que nos mostra uma maior ênfase na formação moral, cívica e higiênica dos alunos que iniciavam seus cursos na ESAV:

Durante todo o semestre lectivo foram feitas, *nos dias úteis*, palestras sobre a hygiene, moral e civismo. Por esse meio foi ministrado o ensino destes importantes assumptos. Todos os alumnos e professores se reuniam, e o Director, Vice-Director e Professores revezaram-se em fazer as prelecções. Estas foram sempre curtas, de quinze a vinte minutos, e de natureza prática. Realizou-se uma prova escripta sobre a matéria destas palestras, para que os alumnos prestassem cuidadosa atenção.

¹⁰ Como se tratava do primeiro regulamento seguido pela ESAV, sentiram que uma reunião geral era pouco, sendo, portanto, instituído, através de uma relação de costume, diariamente. A nova frequência das reuniões gerais, diariamente, foi instituída legalmente através do regulamento de 1931 que previa: “*Realizar-se-à, nos dias úteis, uma reunião geral com a duração máxima de quinze minutos, à qual comparecerão, sob a presidência do Director, todos os professores e alunos do estabelecimento*”. É importante ressaltar que além de garantir a expansão da frequência semanal, o regulamento de 1931 institui novos temas a serem tratados na preleção, não ficando restrito à educação moral, cívica e higiênica, mas: moral, civismo, economia, administração e sociologia. Retirar-se a higiene que não fazia mais um perigo para a população esaviana, e institui novos temas que necessitariam de melhor lapidação.

O ensino dado nessas palestras foi de máxima importância para os que serão, brevemente, os ‘leaders’ do Estado. Ficamos satisfeitos com o melhoramento manifestado pelos alunos, e que foi, em grande parte, devido a taes prelecções.

Dividiram-se os assumptos, mais ou menos, na seguinte ordem:

Dr. Rolfs – Civismo geral, especialmente, para ampliar as idéias dos alunos.

Dr. Lisboa – Civismo dos alunos, mais restricto aos seus deveres, como membros do Corpo Discente.

Dr. Rehaag – Saúde e hygiene.

Dr. Mello – Ensino Moral, especialmente, com relação aos esportes.
(Relatório Anual escrito por Peter Henry Rolfs, 1928)

Tal citação é recorrente do relatório anual apresentado pelo Professor Rolfs em maio de 1928, referente às atividades realizadas no ano de 1927. Esse documento nos mostra que as reuniões gerais aconteceram diariamente, em forma de prelecções, com sessões de quinze a vinte minutos, ministradas pelo Diretor, Vice-Diretor e professores que versavam sobre temas referentes ao ensino moral, cívico e higiênico. O acréscimo da frequência semanal pode nos indicar uma dificuldade dos alunos em assimilar o ideário esaviano, uma vez que, por se tratar do ano inicial de funcionamento da instituição, era preciso não poupar esforços no sentido de homogeneizar os diferentes comportamentos e hábitos trazidos pela diversidade cultural de alunos provenientes das várias regiões.

Após o primeiro período de aulas havia uma Reunião Geral diária obrigatória, da qual participavam todos os alunos e professores, sob a presidência do Diretor. Durava de quinze a vinte minutos. Em cada reunião falava um professor previamente escalado, sobre assuntos gerais de livre escolha. (...) Era a hora do entendimento profissional, que tinha por princípio os melhoramentos da semente, do animal e do homem e principalmente a preservação da natureza. Além disso, como não podia deixar de haver, era cultuado o amor à Escola e aos seus princípios, bem como à dignidade no comportamento individual. Assim, surgiu o ‘Espírito Esaviano’, que consolidava a união de todos em torno do bem da comunidade brasileira.
(PAVAGEAU, 1991, p.05)

As reuniões gerais eram obrigatórias, encaixadas após o primeiro período de aulas, provavelmente para que não possibilitasse ausência dos alunos, e eram transmitidos, além de ensinamentos morais, cívicos e higiênicos, assuntos relacionados ao aspecto

profissional, sempre valorizando o amor pela instituição – fato essencial para promover a consolidação do Espírito Esaviano.

Durante muitos anos a preleção constituiu-se como um momento importante para a divulgação dos ideais esavianos. Entretanto, em 1939 foi sentida uma crise nas preleções diárias quanto ao assunto a ser transmitido. “As reuniões gerais eram diárias e os sete professores dos primeiros tempos clamavam sempre, em altos brados, contra a crise das mais apertadas por que já passou a nossa ESAV: a crise de assuntos para preleções” (ESAV, 1939, [s/p]). Não encontravam mais novos assuntos que contribuíssem para com os ideais da Escola. O repertório estava esgotado. Precisava-se repensar a frequência semanal das palestras, o que não significa que as preleções proclamadas várias vezes sobre mesmo assunto não sejam importantes, pelo contrário, contribuiu muito para incutir nos esavianos um sentimento de pertencimento à instituição; mas chega um ponto que se torna necessário renovar, diversificar. Fruto desta crise de assunto e da consolidação do Espírito Esaviano na instituição, encontra-se uma nova frequência de reuniões gerais no regulamento de 1947, o qual instituiu duas preleções semanais.

Não devemos pensar que as preleções deveriam abranger apenas os alunos. Como a ESAV era formada de alunos, funcionários e professores, cabe-nos pensar que os funcionários também recebiam orientações.

Uma vez por semana estes servidores são chamados pela diretoria para uma reunião que, habitualmente, tem duração de 20 a 30 minutos. Em tais reuniões, o Diretor expõe diversas questões de administração geral da Escola às quais dependem da cooperação dos encarregados. Além dessa parte, as reuniões têm ainda uma finalidade educativa muito elevada. Nelas o diretor expõe os planos das diversas campanhas que se devem processar freqüentemente, em todo o Estabelecimento, no sentido de melhorar as condições e hábitos de vida dos servidores mais humildes – os operários (ESAV, 1939, [s/p])

Tratava-se de reuniões semanais, em que se objetivava consolidar o Espírito Esaviano entre os operários. Procura mostrar aos servidores que a cooperação era o esteio que

mantinha a instituição, e que esta cooperação permitia realizar tarefas que individualmente tornava-se inviável. As condições e hábitos de vida dos operários eram pontos de discussões, fato que, somado a tudo que foi exposto até o momento, permite inferir que o Diretor tinha o intuito de mostrar que a Escola se importava com os operários e com os alunos, de modo que estes também deveriam se importar e cuidar da Escola. Como a instituição os acolhia, eles também deveriam acolher a instituição, e fazer de tudo que fosse possível para elevá-la ao mais alto grau de distinção, assim como a instituição estava buscando fazer com os alunos e funcionários. Cria-se assim um sentimento de engajamento.

Outras práticas foram incentivadas na ESAV para veiculação do Espírito Esaviano. As festas cívicas sempre foram momentos de confraternização, alegria, união e de fortalecimento do sentimento de amor à Escola, à agricultura e à Pátria. Havia jogos, brincadeiras, práticas esportivas, louvor à Escola e à Pátria, reforçando o compromisso dos esavianos com sua mãe querida – a ESAV.

Não podemos pensar apenas nas festas cívicas, pois existiam outras festas que contribuía para a constituição da ESAV como uma grande família. “Realizou-se, no dia 13 deste, a nossa tradicional festa da colheita. Para o esaviano é um dia especial, um dia cheio de alegria. Nesta data se reúne toda família esaviana, do operário ao aluno, todos com o mesmo sorriso alegre e sincero nos lábios.” (JORNAL O BONDE, nº130, p.06).

Com objetivo de tornar mais rápido, mais prático e sobretudo mais eficiente o seu trabalho junto aos servidores, a Escola promove, aos domingos, os Vesperais que são festas de alegria, de recreio e ao mesmo tempo de civismo, de instrução e de educação. São organizadas nas noites dos Domingos, geralmente das 7 às 8 horas e 30 minutos no máximo, com programas semelhantes a este que transcrevemos: 2º Vespéral - Em 6 de Novembro de 1938 – às 7 horas da noite.

Programa – Convite

1º Abertura – pelo Professor Geraldo Corrêa

2º Música – pelo grupo salgadinho

3º Rouxinol do Carvalho – poesia pela senhoria Clotilde de

Andrade

- 4° A canção do boizinho que nasceu no mês de maio – pelo Sr. José Candinho
- 5° Conselhos sobre higiene exterior do corpo – pelo Dr. Raymundo Faria
- 6° Ai, meu Deus, que violões – pelos Srs. Casiano, José Candinho, José Rodrigues e Cia.
- 7° Minha sanfona – Mazurea, pelo Sr. Giovani Amorim.
- 8° Alsa Manulita – pelo Sr. Manuel de Andrade, acompanhado ao violão pelo Sr. José Candinho.
- 9° Projeção” (ESAV, 1939, [s/p].)

As festas eram momentos de confraternização, entre professores, funcionários e alunos, promovendo momentos educativos que visassem à formação do cidadão esaviano. Havia momentos de poesia, canções e de instrução, seja de higiene, como neste 2° Vespéral, ou de educação moral, cívica que outras comemorações dominicais possibilitavam.

Várias festas fomentavam o Espírito Esaviano. Entretanto, era o alojamento que se fazia o berço desse Espírito, já que era onde se encontrava a maior parte dos alunos.

O rosto do Espírito Esaviano era o internato. Os instrumentos pelos quais se mantinha a disciplina física e ideológica eram vários: competições, congressos, cerimônias comemorativas do dia da árvore, dia da juventude, dia da Pátria etc... sem falar das atividades culturais ligadas ao Centro de Estudantes, que tinham na revista ‘Seiva’ e no Jornal ‘O Bonde’ bons divulgadores de sua ideologia e excelentes aparelhos de engajamento. (LIMA et al, 1996, p.49)

Geograficamente unidos num só prédio, permitia o contato entre os diversos moradores, transmitindo entre eles seus sonhos, suas angústias, suas histórias de vida, seu compromisso com a instituição. Os moradores do alojamento tratavam-se como uma família esaviana. A união, honestidade, cooperação, sinceridade, eram valores cultivados entre os diversos alunos que ocupavam aquele espaço, mesmo porque o alojamento era baseado na consciência individual, afastando o castigo físico como método punitivo. Não significa que não havia disciplina, pelo contrário, por meio de uma disciplina rígida, e da crença de que cada aluno era responsável pelas suas ações, o internato logrou êxito e ficou conhecido em vários lugares do país por se pautar em um método moderno de disciplina: na consciência dos alunos.

A proximidade nos alojamentos proporcionava uma intimidade que contribuiu para a proliferação de apelidos entre os alunos, sendo que os mesmos passaram a se fazer uma constante entre os esavianos. Devido ao pequeno número de alunos, permitia um contato próximo entre todos, sejam do internato, do semi-internato ou do externato. Confidenciavam os problemas da vida esaviana, mas também problemas íntimos com as namoradas, ou com a família de onde vieram. Esse ambiente criado na instituição, em que os alunos se conheciam, se confidenciavam, contribuiu para que o Espírito Esaviano permanecesse aceso durante os anos da ESAV.

Os impressos vão constituir-se em importante prática para divulgação do Espírito Esaviano. Sabemos que o contato entre os alunos fazia-se um instrumento de propagação dos ideais da instituição, mas foi o advento da Revista “Seiva”, em 1940, e do Jornal “O Bonde”, em 1945, que deu mais força à divulgação do Espírito Esaviano. Periódicos escritos por alunos, com participação de professores, apresentavam artigos com relação ao Espírito Esaviano; ressaltavam as virtudes de diretores e professores esavianos; destacavam as vitórias conquistadas pela ESAV e por seus alunos e professores; divulgavam festas, ressaltando sobre sua importância; enfim, faziam-se importante instrumento ideológico de engajamento de alunos e professores na família esaviana.

Foi com a contribuição desses inúmeros meios de divulgação do Espírito Esaviano que tal Espírito chegou a ser vivido e sentido por todos na instituição durante anos e anos. Tratava-se de um sentimento de pertencimento tão forte, que chegava a ser ufanista. Os alunos realmente se engajavam na tarefa de agradar a ESAV, fazendo de tudo que fosse possível para elevar seu nome.

[...] cabe tão somente a nós mesmos. Cooperando com tudo aquilo que sirva para engrandecer o nome da ESAV; deixando de lado, nessas ocasiões, a mesquinhez das diversões mundanas, poderemos, com orgulho, dizer que reforçamos aquele esteio prestes a ser derrubado, e que aquele espírito que regia os que antes se assentaram nos bancos que hoje ocupamos continua

inabalável, para maior glória desta Mãe carinhosa que, dêste modo, mais se orgulhará de seus filhos. (JORNAL O BONDE, n.º 82, 1948, p.02)

Os esavianos pregavam a dedicação a tudo que contribuísse com a Escola. Havia uma preocupação constante entre eles no sentido de juntar as forças, deixando de lado tudo que não fosse útil para o progresso da ESAV, convergindo seus esforços para garantir a *glória da mãe carinhosa*. Observem que esse discurso está afinado com a busca de um modelo mais avançado de civilização, ressaltando novos comportamentos, hábitos e atitudes que não se faziam presentes no homem do campo. Por isso, formar a moral, o civismo e incentivar a disciplina eram fatores fundamentais para o sucesso da instituição.

[...] Todos vocês sabem o quanto amo a nossa Escola. É uma parte do meu ser, um pedaço da minha alma. São terríveis os momentos que vivo presentemente. A fatalidade me afastou de vocês e dos velhos edifícios, de meus mestres e do espírito sadio e trabalhador que se abriga nesse recanto da acolhedora Minas Gerais. [...] A todos vocês, esavianos amigos, colegas professores e operários, que para mim sempre foram tão bons, o meu abraço. Onde quer que esteja serei sempre um amigo sincero de tudo que diz respeito à nossa Escola. Perdoem-me as más ações. Eu viverei eternamente a felicidade de ter sido aluno da ESAV. (JORNAL O BONDE, n.º 103, 1949, p. 04.)¹¹

Emanava na ESAV um sentimento profundo de comunhão da instituição com seus habitantes, de modo que para muitos que lá se instalavam, a instituição fazia-se parte do próprio ser; o qual ficaria incompleto quando se fazia obrigado a desligar da instituição. Observamos na citação acima um esaviano que foi obrigado a retornar à sua terra natal por ter sido acometido por uma grave doença, fato que causou grande decepção, pois afinal, teve que abandonar seus amigos esavianos, mestres, operários e o espírito sadio e trabalhador que vagava pela instituição.

Para ele, a gratidão por ter pertencido a ESAV fazia-se eterna, e sentia-se culpado pelas más ações que cometeu enquanto aluno, não contribuindo como poderia, para o progresso da instituição; o que nos permite, novamente, inferir uma difícil assimilação já que

¹¹ Trata-se do aluno Geraldo Gomes de Barros, In: Jornal o Bonde (n.º 103, 1949, p. 04).

não foi plenamente solidário com o ideal da Escola. Além de tudo, o sentimento criado pela difusão dos valores do Espírito Esaviano estava tão presente dentro de cada esaviano, que quando não se entregava por inteiro à tarefa de contribuir com a instituição, sentia-se em falta com a mesma, sendo possuído por sentimentos de culpa, de irresponsabilidade, de negligência.

Nota-se que o ambiente criado pelo Espírito Esaviano contribuía para que todos se unissem proferindo em favor da Escola, buscando sempre fazer o melhor para sua instituição, seu segundo lar. Nesse sentido, o professor Edgard de Vasconcellos Barros, escreve na década de 30, um poema caracterizando a ESAV. Retrata de forma precisa a representação que faziam da Escola, quais as funções dos esavianos, e qual a contribuição da instituição para com a Pátria:

ESAV

Edgard de Vasconcellos Barros – professor da ESAV

Templo soberbo, de áticos labores,
Cuja cimeira as asas dos condores
Roçam, librando no ar...
Partenon de gigantes sonhadores,
Que a brisa leve, sussurrando amores,
No céu, beija ao passar...

A grandeza dos gregos, dos helenos,
Revive nos teus pórticos amenos
De lindos capitéis,
E a minha lira, nestes pobres trenós,
Não pode nem sequer cantar, ao menos,
Os teus grandes lauréis...

Templo de luz, de amor, templo bendito,
Que tens a benção santa do infinito
Na proteção de Deus,
O Brasil há de ouvir, por fim, teu grito,
Rolando do teu peito de granito,
Na voz dos Prometeus...

Pouco importam das lutas os tormentos,
As cancelas e os grandes desalentos
Que tu tens de sofrer,
Pois em meio dos teus abatimentos

Deus te segreda pela voz dos ventos:
‘um dia hás de vencer’

O teu destino, a tua trajetória,
Hão de ficar um dia em nossa história
Como um grande penhor,
E havemos de cantar tua vitória,
Nimbados pela luz da tua glória,
Como um hino de amor...

*Os teus filhos serão teus missionários,
Que irão levar pelos sertões lendários
Teus novos evangelhos
E hás de ver, arrostando mil fadários
Os moços sonhadores, visionários,
A doutrinar os velhos...*

*E há de crescer, então a agricultura,
A fonte de riqueza e da fartura,
De onde nos vem o pão,
Que é a síntese eucarística e mais pura
Da grandeza, que a Pátria, em vão, procura,
E que tu tens na mão...*

Sê, pois E.S.A.V. altiva e sobranceira
A nossa destemida pioneira
Nesta grande escalada
Para que, um dia, a Pátria brasileira
Possa mostrar-se pela terra inteira
Unida e respeitada
(ESAV, 1939, [s/pg])

A Escola era compreendida como um templo sublime, distinta, única. Suas pilastras que enfeitam a entrada principal da Escola simbolizam a grandeza dos povos antigos – gregos, helenos; como grande nasceu a ESAV pautada em novos métodos de agricultura que almejavam alavancar a agricultura através de sua aplicação. Fazendo-se um templo de luz, de amor, sempre foi abençoada e protegida por Deus, sendo que mesmo nos momentos de tribulações, tinha-se sempre a certeza que um dia a Escola venceria.

A ESAV foi gestada para o desenvolvimento da agricultura nacional. Nesse projeto, os esavianos teriam a missão de difundir os ensinamentos transmitidos pela instituição, se fazendo missionários dos novos conhecimentos que revolucionariam a agricultura tradicional, e que eram compreendidos como um evangelho, a ser seguido pelos

“velhos”; disseminados pelos ex-alunos esavianos, que se constituiriam em moços sonhadores, visionários, contribuindo com o fortalecimento da agricultura nacionalmente.

Com a difusão da agricultura proposta pela ESAV, criar-se-ia uma nação agrícola unida e respeitada. A agricultura é compreendida como a “fonte de riqueza e da fartura”, de onde sai o alimento necessário à sobrevivência do cidadão brasileiro. Alimento, que segundo o professor Edgard, a nação procura em vão e a ESAV a tem nas mãos.

Toda essa fala do professor reforma a vocação agrícola do país, acreditando que a agricultura seria a diretriz para diminuir os problemas nacionais. Nessa difusão da vocação agrícola, o Espírito Esaviano foi o cimento¹² necessário para fortalecer os laços esavianos, incutindo sentimentos que os levariam a exercerem a função de missionários, contribuindo para a propagação da agricultura nacional.

Cultivado e propagado por todos na instituição, o Espírito Esaviano foi considerado a mola mestra do progresso da ESAV, sem a qual a mesma já teria suas bases ruídas e estava fadada ao insucesso: “Não contasse a Escola com a força, motriz e potencial, infinitamente grande do Espírito Esaviano e não teria por certo resistido ao terrível ataque de anemia do qual foi vítima no período trevoso que deixou de existir a um ano atrás” (JORNAL O BONDE, n. 45, 1947, p. 01). Observem que estamos falando de 1946, período que Ribeiro (2004) indica algumas iniciativas que foram tomadas para deixar a crise financeira que se instalou na instituição em meados dos anos 30, gerando dificuldades com a manutenção do funcionamento regular da instituição.

A autora ainda nos indica, segundo relatos de ex-alunos e ex-professores, que a crise teve como momento decisivo a transferência do curso de Medicina Veterinária para a UFMG, em 1942, e os diversos acordos de cooperação realizados com as diferentes instituições norte-americanas em meados dos anos 40, fatos que contribuíram com a retomada

¹² “Cimento” no sentido encontrado no item 1.1, proposto por Carvalho, 1998.

da instituição. Em todo esse processo, acredita-se que o Espírito Esaviano tenha sido decisivo na manutenção da instituição, que esteve prestes a ser desativada.

Tal espírito, que muito contribuiu para a consolidação e difusão da ESAV pelo país, transpassou todo período esaviano. As fontes vão indicar que ele veio se diluindo ao longo dos anos, entretanto, acredito que ocorreram várias mudanças estruturais na instituição permitindo que se materializasse de outra forma, em outros espaços e ações:

Como é que um instrumento de controle e disciplinização tão bem sucedido que fazia com que os próprios alunos interiorizassem os valores da instituição não conseguiu sobreviver até os setenta anos da mesma Escola? As respostas são várias: Passam pelo regime do internato antigo, que hoje não encontra nas regras seguidas nos alojamentos as mesmas normas rígidas de uma época que já passou. O tempo passa, assim como as épocas que se distinguem umas das outras no panorama da história. Os professores, diretores, funcionários, estudantes, todos que viveram a ESAV da década de 20, 30, 40; a URMG de 50, 60; a Viçosa pequenina com seu cinema, seu jardim, enfim, sua época estampada de vez num quadro do passado singularizado por algo que é invisível, mas perceptível àqueles que o compartilharam, foram possuídos por ele: o Espírito Esaviano. (LIMA et al, 1996, p.49-50).

Observe que uma das mudanças relaciona-se ao alojamento, que no início fazia-se o rosto do Espírito Esaviano, pautando-se na disciplina rígida; que com o passar dos tempos teve sua dinâmica alterada¹³. Outro fato importante diz respeito ao contexto histórico, que se alterou no decorrer dos anos, mudando os personagens, as estruturas que possibilitavam a presença do forte sentimento na instituição.

A cidade de Viçosa que no início fazia-se pequena, havia crescido, dificultando o contato entre os esavianos e viçosenses. A família esaviana constituída por professores, funcionários e alunos havia modificado¹⁴ tanto que as aspirações passaram a não ser mais as mesmas.

¹³ Falta de normas rígidas, aumento do número de alunos que dificultava o contato entre os mesmos, etc.

¹⁴ Modificado, tanto no aspecto de número de professores, quanto no aspecto de vinculação com os ideais da Escola.

As turmas regulares que existiam na ESAV, permitiam que os alunos se encontrassem sempre no mesmo espaço, sendo que as aulas se davam diariamente até às 16h30min, o que permitia o restante do dia para se reunir, escrever para a família, ir à cidade, além de praticar esportes. Tudo isso que havia contribuído para a propagação do Espírito Esaviano até 1948, começou a se desfazer, pois na década de 60 – basicamente com a reforma da Educação Superior em 1968 – instituiu-se currículos diferenciados, salas em locais diversos, horários diferentes, levando a uma dissolução do clima familiar que havia entre os esavianos.

Não pretendo estender nas análises sobre o período Pós-ESAV. Cumpre afirmar que o Espírito Esaviano permaneceu forte durante o período da ESAV, entretanto, atualmente não se percebe a mesma estrutura existente que contribuiu para sua consolidação e propagação; contudo, acredito que ele ainda existe, de outra forma, com outros códigos, com outras formas de propagação.

Importa compreender que o Espírito Esaviano, nascido com a ESAV, permaneceu forte durante todo seu período (1926-1948) e foi essencial para atingir os objetivos da instituição. Contudo, encontrei uma série de subversões na instituição que nos indica que a realidade é complexa, repleta de contradições, o que me direcionou a uma questão: será que foi possível homogeneizar completamente os discursos e as ações dos esavianos? Veremos que não! Várias insubordinações vistas anteriormente – seja por indisciplina nos alojamentos; seja por confissão da realização de más ações contra a Escola por parte de alunos; seja por burlar o regulamento aumentando a frequência de preleções gerais que contribuíam na formação do esaviano, contribuíram para mostrar que nem sempre o discurso difundido pela instituição foi perfeitamente assimilado pelos seus componentes.

O regulamento de 1927, em seu artigo nº 174, prevê que “a qualquer alumno ou empregado será vedado o uso de armas proibidas”; entretanto, no próximo regulamento,

instituído em 1931, encontramos no seu artigo nº 180 que “a qualquer aluno ou servidor do estabelecimento será vedado o uso de armas proibidas, os vícios do jogo e do álcool”. Observe que além das armas proibidas, foram suspensos os vícios do jogo¹⁵ e do álcool, provavelmente porque se fazia uma constante entre a comunidade esaviana, sendo uma ameaça para a constituição de uma instituição respeitada, moderna, civilizada, ícone no progresso agrícola.

Nas atas de 1929 encontrei várias ocorrências de fraude nos exames - “colas” – as quais eram punidas com suspensões variando de 2 a 7 dias. Outro aluno foi punido, com 60 dias de suspensão, por se afastar de Viçosa e ir até Coimbra – cidade vizinha de aproximadamente 20 km de distância – onde permaneceu 2 dias.

O caso mais “grave” encontrado nessas atas foi a suspensão de um aluno por todo o período por ser encontrado em atitude homossexual, onde beijava um colega em pleno jardim da instituição. Logicamente não podemos considerar o ato homossexual como uma forma do aluno burlar os valores propagados pelo Espírito Esaviano, mas podemos considerar que a instituição puniu o aluno por estar desalinhado dos valores morais esperados pela mesma.

Ainda as atas de 1929 vão regulamentar o que são entendidas por brincadeiras de mau gosto: “são de mau gosto as brincadeiras de caracter grosseiro. As brincadeiras devem ser de tal sorte que não produzem inimizades ou injúrias físicas”. Proibiu-se o uso do fumo nas aulas e trabalhos escolares, no edifício principal e no dormitório, com exceção do refeitório. As várias regulamentações encontradas nas atas vão mostrar que as normas e regulamentos eram os meios mais utilizados de “controlar” os esavianos, de incutir neles princípios alinhados com o civilizado, com o moderno, com a instituição que se queria formar.

¹⁵ Confira item 1.1, quando mostro que o jogo de azar teve um surto enorme na Primeira República como forma de ganhar a vida numa sociedade instável, de difícil sobrevivência.

No campo esportivo não era diferente. Em 1929 um aluno foi punido por: “proceder mal, desrespeitando seu colega, dirigindo insulto à sua família, além de faltar com a consideração devida ao seu diretor dos Esportes à Diretoria da Escola”. Contudo, é importante termos em mente que o Espírito Esaviano contribuiu na constituição da instituição, mas não podemos afirmar que houve uma submissão total aos valores pregados por ela, pelo contrário, a ESAV buscou sempre retirar do seu meio as pessoas que não se adequavam aos ideais que nasceram e foram propagados pela mesma: “Os moços que se sentirem incapazes de cumprir fielmente os deveres e as exigências da disciplina, não deverão procurar o estabelecimento, que tem o máximo empenho em afastar do seu seio as pessoas indesejáveis” (ESTATUTO da ESAV de 1930)

Portanto, ou se adaptem à instituição, ou a deixem – este era o lema da instituição, já que para ser ícone de progresso, deveriam trabalhar com a perspectiva de união, harmonia, para que todos contribuíssem para o desenvolvimento desta ciência que seria a chave para o progresso econômico do Estado/País.

Além dessas diferentes práticas – reuniões gerais, festas e criação de periódicos - existentes na Escola, com a função de materializar o Espírito Esaviano, podemos pensar na existência de outra, que visava contribuir com a inculcação de ideais que a instituição almejava: trata-se do esporte. Entretanto, essa prática não servirá apenas para transmissão de valores, mas também para a formação do corpo do aluno que seria necessário para o trabalho no campo agrário.